

Jornalismo de dados e suas intersecções com a ciência Parte 1, Módulo 4.mp4

[00:00:11] **Unidentified** Olá, tudo bem? Seja bem-vindo, seja bem-vinda, à última aula do nosso curso de jornalismo científico. Hoje nós vamos conversar sobre as intersecções entre o jornalismo de ciência e o jornalismo de dados. Para muita gente, o jornalismo científico é precursor do jornalismo de dados. Isso por questão de algumas práticas que a gente tem no jornalismo de ciência já há algum tempo como, por exemplo, o mergulho nos detalhes do artigo, uma atenção especial às figuras dos estudos científicos, que nada mais são do que os gráficos ou a visualização dos dados presentes nesses artigos, a análise da parte metodológica dos estudos, a consulta à especialistas que não sejam autores do estudo em questão. Então são alguns detalhes da prática do jornalismo científico que, de certa forma, são comuns hoje também no trabalhos jornalistas de dados.

[00:01:21] Mas para a gente poder entender melhor onde esses caminhos se cruzam, é importante a gente conceituar um pouquinho o jornalismo de dados, para o caso de você não estar acostumado com essa vertente do jornalismo. Existem muitas conceituações possíveis e se você googlar elas vão aparecer. Mas acho que dá para a gente entender o jornalismo de dados como uma vertente do jornalismo que trabalha na busca, análise e apresentação de dados. Não necessariamente, mas também muito frequentemente trabalha com grande volume de informações. E no jornalismo de dados, a gente faz uso de ferramentas e técnicas para transformar esses dados em infografia, em gráficos, em mapas. Apresentar os dados, que podem ser científicos ou bases de dados públicas, por exemplo - que também são geradas a partir de metodologias consagradas, é importante dizer - e são apresentados de maneira criativa, de maneira atraente, nos projetos jornalísticos.

[00:02:32] Agora, é importante reconhecer as novas possibilidades apresentadas pelo jornalismo de dados. Sem esquecer que, no jornalismo a premissa fundamental é fazer o trabalho de base, que é o trabalho de campo, que é a apuração. Claro que o trabalho de campo, nos dias de hoje - ainda mais durante a pandemia, e em decorrência da crise do jornalismo, da crise do modelo de negócios no jornalismo - nem sempre é possível de fato ir a campo. Mas num mundo ideal, é importante que esse trabalho de apuração, em campo ou não, seja feito - mesmo que seja por outros caminhos, como investigação bibliográfica ou as consagradas entrevistas por telefone e agora pelo Zoom.

[00:03:23] Então o jornalismo de dados apresenta uma série de novas possibilidades que são enriquecedoras, sem dúvida, para o trabalho do jornalismo. A gente pode usar, por exemplo, uma análise de dados para rebater uma narrativa falsa, uma narrativa oficial, que é conveniente ao poder mas que não necessariamente é precisa com relação ao interesse público, que é o que de fato importa. E também, o jornalismo de dados permite que a gente trabalhe com um volume muito maior de dados, ou seja, algumas histórias de fato só podem ser contadas desta maneira, ou seja, recorrendo às ferramentas e técnicas que o jornalismo de dados propicia, por se tratar de um volume de dados que de outra forma não poderia ser analisado. Desta forma, a gente encontra algumas narrativas que são interessantes e ricas para o jornalista, e também que nos levam à novas fronteiras, digamos assim, porque algumas investigações seriam muito difíceis de serem executadas se não fosse, por exemplo, pelo uso de imagens de satélite, conforme a gente vai ver um pouco adiante.

[00:04:38] Agora, é importante refletir sobre essa questão, e destacar essa questão do volume de dados e do que o jornalismo de dados pode fazer, sem esquecer que um bom projeto de jornalismo de dados - e o jornalismo vem antes dos dados, isso é fundamental destacar - tem a sua parte ou a sua porção jornalística, digamos assim, consagrada e feita da melhor maneira possível, com uma abordagem Old School. O que é esta abordagem Old School? É o trabalho de campo do jornalista, é a apuração, são as entrevistas, é ouvir várias fontes, é recorrer a mais de uma base de dados, é tratar a base de dados como mais uma fonte a ser ouvida. A gente não pode também acabar tendo um certo fetiche, digamos assim, pelo jornalismo de dados, sem esquecer de tudo o que precisa ser feito, jornalisticamente falando, para que o seu projeto, o seu trabalho, a sua reportagem, seja de fato consistente.

[00:05:53] Então você está diante de um assunto que merece a sua atenção como repórter e que você acha que vale a pena investigar e que vai render uma boa história. A primeira pergunta é: essa história precisa ser contada em dados, ou seja, trata-se de um projeto de jornalismo de dados? Como eu disse antes, não necessariamente, mas a extensão da base de dados pode ser um critério. Se ela for muito extensa, de fato não tem outro caminho, esse é o caminho que você deve escolher. Os dados públicos que são ilegíveis, incompreensíveis, como, por exemplo, dados orçamentários, que precisam de um trabalho de interpretação feito por jornalistas que tenham um treinamento, aptidão técnica para isso, ou profissionais, como estatísticos ou cientistas de dados, enfim. A ausência de transparência também é um bom indicador de que - isso falando em órgãos governamentais, por exemplo, mas não apenas, corporações também - mas tomando o exemplo de órgãos governamentais, quando existe uma insistência em publicar, por exemplo, dados que são públicos de uma maneira ilegível, conforme a gente acaba de destacar, vale a pena investigar e utilizar essas ferramentas do jornalismo de dados, porque possivelmente ali tem uma boa história.

[00:07:20] E nesse processo de avaliação ou desenvolvimento do seu projeto jornalístico de dados, é importante saber diferenciar a Análise de Visualização de Dados. Visualização de Dados, a grosso modo, a gente está falando de gráficos, infográficos e mapas etc. Na análise de dados, que é um chapéu muito grande e sobre o qual existem várias vertentes, digamos assim, é um pouco mais complexa. Ela envolve uma inspeção, digamos assim, dos dados, às vezes um processo de mineração, para entender exatamente com quais dados ou quais bases de dados você vai trabalhar. E a partir disso, aplicar métodos estatísticos para poder chegar à algumas conclusões. Assim como o jornalismo de dados tem várias definições, a análise de dados também. Então eu estou dando aqui uma definição geral e é uma possível, é importante que você investigue porque existem outras. Além disso, a análise de dados se expressa de várias maneiras, não é só no jornalismo, muito longe disso. De qualquer forma, ao trabalhar com análise de dados, é importante que você se prepare para isso, estude, faça cursos - o Centro Knight tem ótimos cursos, mão na massa para jornalistas de dados - ou que você procure se associar com profissionais de habilidades múltiplas e complementares à sua. Isso ajuda muito e acho fundamental. Também é importante fazer um bom uso da comunidade de dados no Brasil, a comunidade de jornalistas de dados, que é muito consistente no Brasil, em outros países também inclusive, e você pode fazer o uso dessa comunidade submetendo seu trabalho antes de publicar à alguns colegas especialistas naquela área, naquele assunto, para ouvir opiniões mesmo. Isso é muito recomendável.

[00:09:22] Outro aspecto fundamental é a gente tomar cuidado com a pressa, aquilo que a gente já conversou sobre o jornalismo científico, vale muito para jornalismo de dados. A pressa não combina com trabalhos que envolvam a análise. E aí nesses projetos mais

demorados, digamos assim, que envolvam análise de dados, é interessante que você se associe, conforme a gente já destacou, à profissionais que tenham habilidades diferentes da sua. E para você que, por exemplo, lidera uma redação de jornalismo, eu recomendo muito que você conte com profissionais de estatística mesmo ou com cientistas de dados, desenvolvedores, esses profissionais têm muito a acrescentar ao jornalismo, embora os salários no jornalismo sejam menos atraentes para eles em comparação à outros ramos profissionais.

[00:10:20] No jornalismo de dados é muito comum que o Jornalista recorra à bases de dados públicas para fazer o seu trabalho e não tem nada de errado com isso. Mas recomendo fortemente que você cruze essas informações e encare os estudos científicos, para que eles também sejam vistos como ótimas fontes de dados, que de fato são. Então, por exemplo, se você está trabalhando com um projeto relacionado à água, você pode recorrer à base de dados da ANA, Agência Nacional de Águas, para analisar, por exemplo, uma questão relacionada à uma micro-bacia em uma determinada região, e você vai cruzar essas informações com um estudo feito por pesquisadores, por cientistas, de uma determinada universidade ou de um instituto de pesquisa, que coletaram dados sobre a qualidade da água em uma em uma porção daquela área que você está analisando. Pode ser que daí, deste cruzamento de camadas de dados, surjam inferências muito importantes, com muita relevância jornalística e social. E dá para dar um passo além até, que é você gerar os próprios dados. Agora, isso precisa ser feito com muito cuidado. A tal da ciência cidadã, que é uma ferramenta poderosa mas que precisa ser executada a partir de certos parâmetros, instrumentação adequada, também aspectos éticos, já que muitas vezes você vai lidar com pessoas então, recorrendo novamente ao exemplo hipotético de trabalhar com a água em uma determinada região do Brasil, você pode, de novo, recorrer aos dados da Agência Nacional de águas, mas você nota que não existe informação disponível, não existe um estudo, não foi feito um estudo sobre a qualidade de água naquele determinado rio, naquela determinada região para a qual você está olhando, ou os dados, por exemplo, são antigos, são de 15 anos atrás. Você pode recorrer ao uso de sensores e distribuir esses sensores para comunidades ribeirinhas, para que os próprios cidadãos possam coletar os dados que depois vão ser analisados por cientistas. É um caminho bastante interessante e consistente, desde que certas precauções sejam tomadas. Por melhor que seja o seu processo de coleta e análise dos dados, vai chegar o momento de comunicar tudo isso e aí não adianta, mais uma vez, a gente fazer as coisas com pressa.

[00:12:56] E mais uma vez, a gente chega às intersecções com o jornalismo científico, onde a nossa tarefa é comunicar assuntos densos de uma maneira palatável, consumível pelo público não especializado. E que isso seja feito não apenas de maneira acessível mas também atraente. E é importante - sempre a ideia aqui no curso é que você tenha alguns critérios que te ajudem a tomar decisões que te levem aos melhores caminhos possíveis, reconhecendo que não existe um caminho apenas - mas é importante que você assuma que o público não conhece aquele tema, por mais que você esteja mergulhado há meses naquele assunto, lembre-se de que as pessoas não sabem como funciona, por exemplo, o processo de coleta de dados sobre a água e o que isso vai impactar na saúde dela. Então a maneira como a gente vai comunicar esses resultados e até a maneira como a gente pode ser transparente no processo que nos levou a chegar à essas conclusões, só tem a ganhar em termos de efetividade. A gente só tem a ganhar em termos de efetividade. Importante também ter um cuidado nas próprias visualizações de dados, mais uma vez lembrando que você busca conhecimento ou você se associa às pessoas corretas, aos profissionais que trabalham, por exemplo, com design, para que a gente possa criar gráficos e mapas sejam bonitos e atraentes, além de consistentes ao

informar. Tudo isso é muito importante porque no funil de atenção das redes sociais a gente está concorrendo com conteúdos que não têm a mesma preocupação que o jornalista tem em termos de relevância, em termos de precisão. Então o cuidado com a maneira como a gente vai embalar esse conteúdo é de fato muito importante.